



ZONA DE ESCUTA

DESLOCAMENTOS, OCUPAÇÕES, RESISTÊNCIAS E NARRATIVAS

ZONA DE ESCUTA

DESLOCAMENTOS, OCUPAÇÕES,
RESISTÊNCIAS E NARRATIVAS

EXPOSIÇÃO NA PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO ENTRE OS DIAS 21 DE JUNHO A 20 DE JULHO DE 2018 EM PORTO ALEGRE - RS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z87

Zona de escuta : deslocamentos, ocupações, resistências e narrativas / Maria Ivone dos Santos (Org.). – Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

50 p.

Catálogo da exposição realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo entre os dias 21 de Junho a 20 de Julho de 2018 em Porto Alegre.

ISBN 978-65-86232-69-1 (Impresso)

1. Exposição de arte - catálogo 2. Pinacoteca Barão de Santo Ângelo 3. Remodelações urbanas I. Santos, Maria Ivone dos

CDU 7.039

Bibliotecária responsável
Catherine da Silva Cunha
CRB 10/1961

Zona de escuta é uma exposição-dispositivo que reúne artistas, arquitetos e urbanistas em torno de uma reflexão sobre deslocamentos, ocupações e remoções de comunidades em Porto Alegre e sobre seus processos de resistência.

As cidades brasileiras experienciam momentos de muita contradições. Movidas pelo desejo do ordenamento, vivem como ruínas. Carregadas de tensões sociais, já que estão desatendidas de investimentos públicos, são marcadas por processos políticos lentos e descontinuados que têm como consequência a precarização dos modos de vida e subsistência dos menos favorecidos.

Na esteira de remodelações urbanas históricas — como a lhota nos anos 1970 — e sob a pressão ordenadora dos grandes eventos como a Copa de 2014, observa-se em Porto Alegre a desestruturação de famílias e de seus territórios já bastante precários, produzindo-se processos de periferização — como os que se observa com a Vila Tronco e a Vila Dique. Nessas remoções nascem focos de resistência e dramas que fazem surgir vozes e pautas muitas vezes desconsideradas pela narrativa oficial, às quais propomos uma escuta.

O deslocamento de comerciantes da área central da cidade vem motivando grandes transformações nas dinâmicas do centro de Porto Alegre, e as soluções encontradas pelo poder público vêm se mostrando paliativas, quando não envolvem conflitos de interesse. A medida em que as condições de trabalho e a situação social se deterioram, surgem novos comerciantes, renovando ciclicamente as tensões entre poder público e contingências sociais, reprimidos por processos de criminalização e repressão violentos do comércio informal.

Ocupações e assentamentos urbanos no Brasil trazem em seu núcleo dramas humanos maiores na medida em que envolvem o direito à cidade dos mais desfavorecidos, que ficam excluídos das políticas públicas. Comunidades ocupadas de adultos e de crianças sofrem cotidianamente preconceitos no âmbito escolar e nas relações de trabalho e vizinhança. A escuta a esses processos nos possibilita acessar outras dimensões do problema, para além dos processos de criminalização aos quais já são submetidos, uma vez que surgem como laboratórios sociais, desenhando outras formas de construir comunidade.

A expedição catástrofe: por uma arqueologia da ignorância, projeto convidado a integrar essa exposição, configurou-se como um processo de pesquisa e criação de artistas para confrontar — no campo das relações intrínsecas entre estética e política — um dado abismal: o fechamento de 8 escolas públicas rurais por dia, contabilizando mais de 60 mil escolas fechadas entre 1995 e 2016.

Assim, vídeo-documentários, fotografias, mapas, publicações, narrativas e performances são desdobramentos de pesquisas trazidas à essa Zona de Escuta, realizadas dentro e fora da universidade. Imagens críticas que sensibilizam o lugar de fala e se contrapõem à cultura do medo, na medida em que aportam outros regimes de visibilidade e de elaboração de questões urgentes para refletirmos juntos sobre a construção de nosso espaço comum.

MARIA IVONE DOS SANTOS





A questão não é se estamos caminhando...
Não sabemos ainda onde vamos...
Nos estamos movendo, mas não sabemos para onde...
A nossa luta é a caminhada.
Um processo de transformação.
Não temos um lugar ou teu lugar.
Não é a casa, só a casa do que somos.
E não é esse lugar que nos dá o sentimento.
Essa casa não é feita de tijolos e concreto, é feita de pessoas.
Casar é também acasalar.
É um sentimento visceral.
Eu nunca fui despejado?
Sempre fui dentro do risco de escavar a terra.
É uma força que se olha nos olhos.
O ser de que lado o homem é o lugar.
O assentamento não vem do nada.
Os assentamentos não são feitos só de moradores, são feitos de todo o organismo que rodeia.
É uma luta diária.



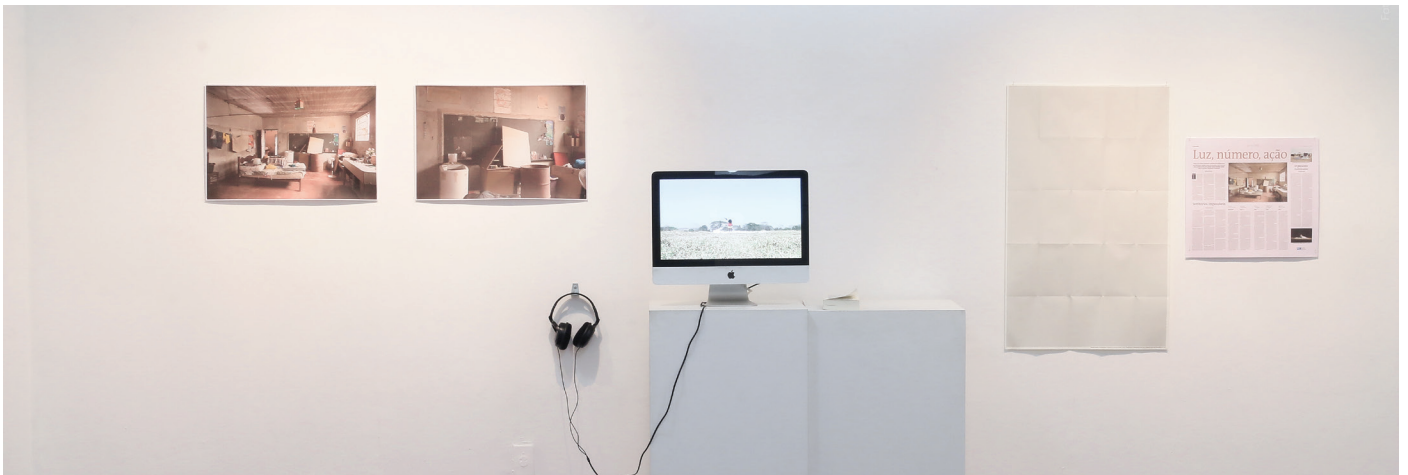
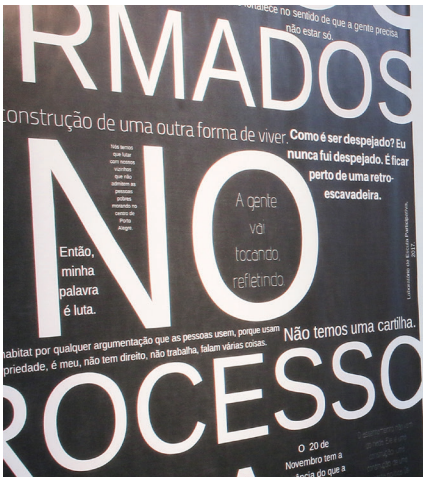




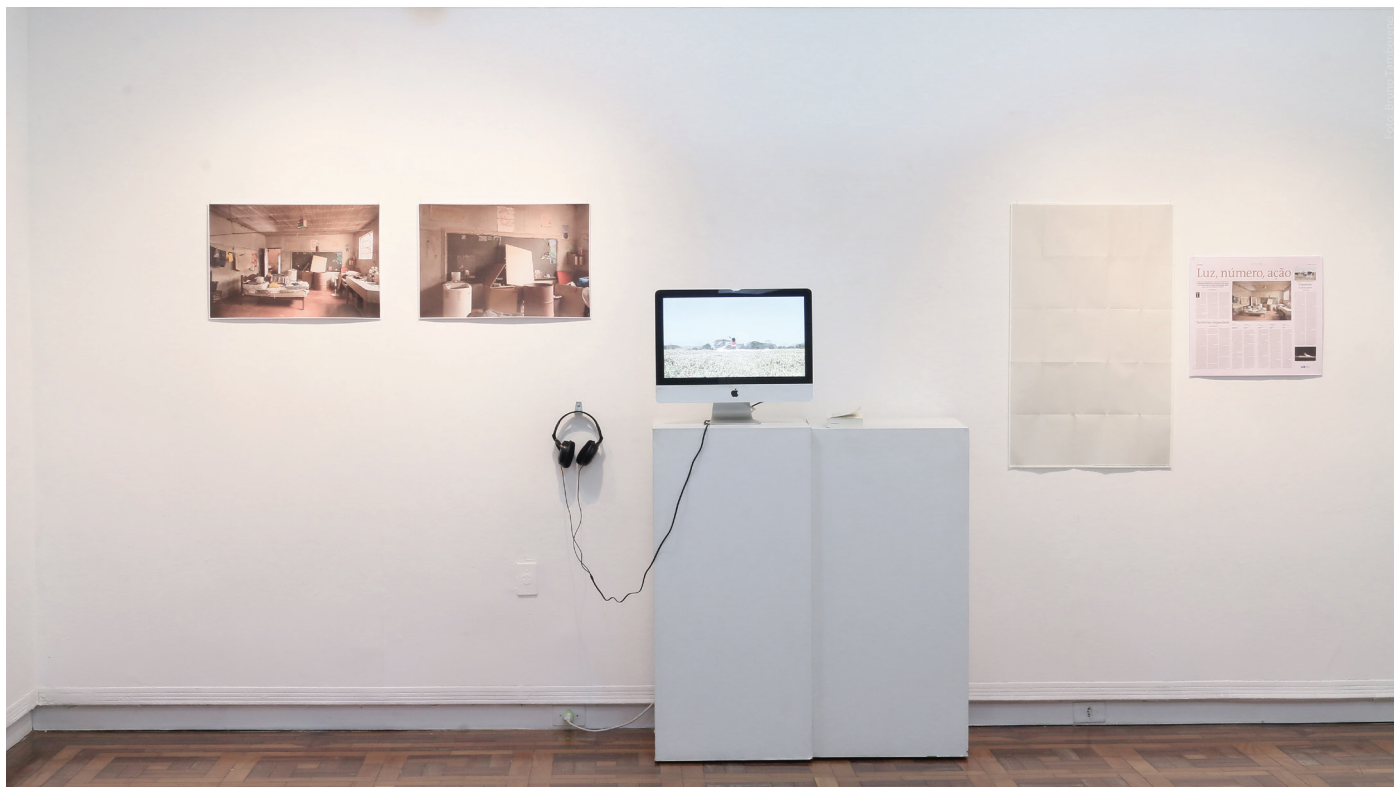


Foto: Bruno Tamboreno









Expedição catástrofe: por uma arqueologia da ignorância

Alexandre Campos, Carolina Fonseca, Filipe Britto, Glayson Arcanjo, Ícaro Lira, Laura Castro, Pablo Lobato, Pedro Britto, Renata Marquez e Yuri Firmeza

2015-2017 | Livro | cartaz

O projeto Expedição catástrofe, por uma arqueologia da ignorância vem sendo desenvolvido desde 2015, quando foi formulado e selecionado no edital Rumos Itaú Cultural. Configurou-se como um processo de pesquisa e criação para confrontar – no campo das relações intrínsecas entre estética e política – um dado abismal: o fechamento de 8 escolas públicas rurais por dia, ou mais de 60 mil escolas fechadas entre 1995 e 2016. O processo criativo estruturou-se a partir de três etapas: 1. expedições para desenvolver a pesquisa de campo nas escolas rurais fechadas nos estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia; 2. trabalho intitulado Torre de transmissão e desenvolvido em Goiânia em setembro de 2017; 3. publicação homônima ao projeto.





Torre de transmissão: Leitura Catástrofe

Alexandre Campos, Carolina Fonseca, Filipe Britto, Glayson Arcanjo, Ícaro Lira, Laura Castro, Pablo Lobato, Pedro Britto, Renata Marquez e Yuri Firmeza

2015-2017 | Vídeo | 720”

Dispositivo de fala e um sistema de escuta implantado no dia 1º de setembro no município de Goiânia. Durante 24 horas, ações de leitura ininterruptas dos nomes das 60.000 escolas foram transmitidas em regime de simultaneidade (streaming) para diferentes mídias, cidades e canais. A ideia é ecoar os vazios abertos pelas políticas públicas de educação, agricultura e urbanização. Um registro de caráter crítico quanto aos processos de destruição da educação rural brasileira sendo uma ação, portanto, interessada em criar outro regime de visibilidade deste dado estatístico. As fotografias são de Pablo Lobato.

Então, minha palavra é luta.
O formato da estrutura que está colocada não nos serve

Ele é contra nós.
Agora, como é que a gente lida com isso prá ir avançando?

É o como tu queres morar.
Uma construção de uma outra forma de viver.

A questão do buscar.
Tu queres morar só prá ficar no teu casulo?

Nós não definimos ainda onde nos vamos morar.

Nós estamos caminhando.
O fato de a gente estar ali, daqui a pouco estar em outro lugar...
Essa marcha a gente tem que seguir e nessa marcha a gente vai se construindo.

A nossa lógica é a caminhada.

É um processo de caminhada.

Não temos uma cartilha.

O estar, o fazer daquele lugar o teu lugar.

Não é a casa, só
É muito mais do que a casa prá morar.

É a casa.
O significado de casar é quanto tu não tens aquele sentimento, de quando tu prá morar em uma propriedade, tu não tens um lugar que é teu ou que tu alugavas.

Casalar é também acasalar.
É onde tem esse sentimento de existência, de pertencimento.
Essa é a casa dessas pessoas, e se é o lar dessas pessoas.

Como é ser despejado?
Não é um sentimento que passa pela compreensão.

Eu nunca fui despejado.
É ficar perto de uma retro-escavadeira.
Sente quem tá dentro o risco de sair pra fora.
É tu tá dentro e tem medo do que tá fora, mas tu também tens que conversar com o de fora.

Eu sei de que lado tenho que estar.
É uma força que se olha nos olhos.
O nome não é invadir, o nome é ocupar.

O assentamento não vem do nada.
Porque o lugar estava vazio e a gente está ocupando um lugar ocioso.

São feitos de todo o organismo que rodeia as ocupações.
Ele é uma construção, uma construção de uma proposta política.
Os assentamentos não são feitos só de moradores, de pessoas.

É tem o acúmulo de acertos e erros que a gente fez com o Utopia e Luta.
O assentamento 20 de Novembro pra mim tem toda a essência do que a gente conseguiu aprender nos últimos anos.

É uma luta diária no assentamento.

Eu sei de que lado tenho que estar.

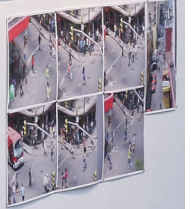
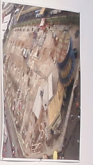
Moro aqui.

ma palavra e luta
ira que esta colocada não nos serv
gente lida com isso prá ir avançando?
tu queres morar
de uma outra forma de viver.
ão do buscar
tar só prá ficar no teu casulo?
s ainda onde nos vamos mora
mos caminhando
ar ali, daqui a pouco estar em outro lugar
e seguir e nessa marcha a gente vai se construindo
pica é a caminhada.
isso de caminhada.
os uma cartilha
er daquele lugar o teu lugar

Notas de Escuta - Assentamento 20 de Novembro, Porto Alegre

Claudia Zanatta

2017 | Cartaz em papel offset | 145 x 210 cm



A última vista | Endereçamento

Maria Ivone dos Santos

2007 – 2017 | fotografia e texto impresso em papel Hahnemühle | 40 x 210 cm. 8 fotografias impressas em papel Hahnemühle | tamanhos variados

A última vista | Endereçamento é apresentado na forma de correspondência endereçada ao público. Testemunha sobre o acompanhamento do processo de remoção de comerciantes informais que ocupavam a Praça XV, deslocados para o complexo construído pela Prefeitura sobre a Praça Rui Barbosa, ambos os locais na área central da cidade de Porto Alegre. A sequência de 9 imagens captadas a partir da torre de observação que existiu na Praça Rui Barbosa forma uma imagem panorâmica do entorno do canteiro de obras do Camelódromo. O relato cobre o período de dez anos e é elaborado a partir das anotações feitas em caminhadas e em documentos do arquivo. Ele desvela as alterações da forma da cidade edificada face à cidade praticada, assim como observa os meandros do processo de construção do Camelódromo, os acertos e aditivos assinados entre prefeitura e construtora, que culminariam na concessão do camelódromo à empresa pelo período de 20 anos.

Entorno da Praça XV - Porto Alegre

Lucas Ferreira Picolli

2007 | 15 fotografias | tamanhos variados

Esse ensaio visual explora distintas vistas da praça XV no ano de 2007, quando era ocupada pela arquitetura de lonas de cor — estruturas montadas e desmontadas cotidianamente pelos comerciantes informais. Observa-se nessas imagens a dinâmica formais da cidade formal em contraponto com o uso dessa área pública pelo comércio, que dava uma personalidade à praça, sempre viva pelo intenso trânsito dos passantes.

A última vista | endereçamento e Entorno da praça XV integram o projeto Fração Localizada: Camelódromo, uma das frentes da pesquisa As extensões da memória: a experiência artística e outros espaços, desenvolvida na UFRGS desde 2003, por Maria Ivone dos Santos. A pesquisa se propõe, como ação da arte, a observar de forma continuada um contexto urbano. É um projeto de longa duração que alimenta um arquivo documental constituído de relatos de caminhadas, fotografias, notícias de jornais, entrevistas e registros de ações ali realizadas. Participaram da etapa inicial desse projeto os bolsistas Joubert Vidor e Lucas Ferreira Piccoli.







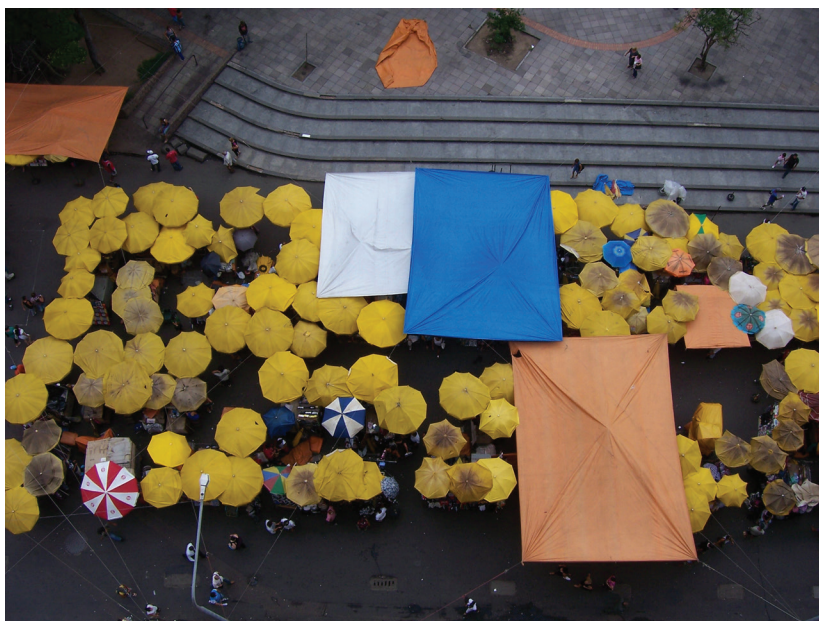
Porto Alegre, 10 de fevereiro de 2017

No dia 14 de novembro de 2007 eu e Joubert Vidor visitamos o canteiro de obras do Camêlôdromo, localizado entre as ruas Senhor dos Passos e Dr. Flores. Ali originalmente era a Praça Rui Barbosa, onde, posteriormente, foi construído um terminal de ônibus. Tínhamos a intenção de fotografar o local, no qual estavam sendo levantados os pilares das fundações do edifício que se estenderia até a Avenida Mauá. Haviam demolido os abrigos de ônibus, deixando no local apenas uma edificação de apoio e a torre de controle da BM. A torre em ferro e vidro ficava no alto de um pilar central, e uma escada dava acesso à sala circular, que servia de escritório aos engenheiros da obra. Essa sala estava cercada por 19 janelas, através das quais se podia ter uma vista ampla do canteiro de obras e de seu entorno. Fotografamos posicionando-nos no centro da sala, de forma a enquadrar o que se via em cada uma das janelas. O encontro com essa zona comercial — o burburinho, as lojas e garagens, os sobrados do início do século (alguns cujas fachadas estavam escondidas por painéis metálicos) — revelou a beleza de um prédio moderno, à direita, que no futuro ficaria escondido pelo volume em construção.

Extasiados, saímos dali e fomos almoçar no restaurante do último andar do Hipo Fábrica, em frente ao canteiro de obras. Do terraço do sétimo andar pudemos ver aquele espaço de outro ângulo, descartando a vista aérea do canteiro de obras e de sua torre. Alguns dias mais tarde, um jornal local noticiou que um guindaste havia colidido contra a estrutura da torre, derrubando-a, o que motivou sua retirada permanente. Aquela experiência nos permitiu ter a última vista da torre.

Nas semanas que se seguiram, transitamos por zonas de tensão da cidade, já que a construção do Camêlôdromo reuniria terminal de ônibus e lojas em um mesmo local. Sobreposto ao térreo, o primeiro andar abrigaria comércio e serviços. A realocação dos comércios informais para esse novo formato foi pensada a fim de recriar o funcionamento de ruas comerciais. Os boxes seriam dispostos de forma contígua, formando ruas que levariam a uma área livre, construída sobre passarelas que atravessariam a avenida Júlio de Castilhos.

detalhe de Entorno da Praça XV - Porto Alegre - 2007






As passarelas dariam acesso a outro bloco de igual função, que por sua vez se estenderia até a Avenida Maus. Esses espaços tinham sido concebidos para acolher vendedores ambulantes cadastrados pela prefeitura que atuavam no entorno do Chale da Praça XV e do Mercado Público. A construção surgiu com o pretexto de dar mais conforto aos camelôs, que passariam a ser comerciantes formalizados. Além disso, a prefeitura alegava que a obra desobstruía a passagem dos transeuntes pela Praça XV. No terceiro piso foram criadas 230 vagas de estacionamento, que não tinham sido aprovadas no projeto votado inicialmente pela Câmara Municipal, mas que respondiam a uma exigência da EPTC. Em uma nota discreta, um jornal anunciou uma parceria da prefeitura com a construtora, que realizaria a obra recebendo em contrapartida o direito de explorar comercialmente o local por 25 anos. Assim, a praça pública, que já havia sido transformada em terminal, passou a ser um local privado.

Nos meses seguintes continuei percorrendo o centro da cidade com grupos de alunos, saindo do Instituto de Artes, passando pelo canteiro de obras do Camêlódromo e caminhando pela Avenida Júlio de Castilhos em direção ao Mercado Público. Nas proximidades do Mercado avistávamos as lonas laranja e os guarda-sóis amarelos que sinalizavam a movimentada zona de vendas dos camelôs — ali localizados desde 1991 —, onde eram comercializados produtos eletrônicos, bolsas, roupas e brinquedos. Estávamos empenhados em conversar com os camelôs, que por suas respostas evasivas deixaram transparecer a preocupação com os custos do aluguel do novo espaço e com a perda de contato com a clientela que circulava diariamente pelas ruas. Reuníamos também recortes de jornal de notícias referentes a esse empreendimento. Constatamos que o projeto foi alardeado como a grande solução para os problemas do centro da cidade, exaltando a passagem do camelô para o estatuto de comerciante. O desenho do projeto exibia árvores e pintava uma cena aprazível, imagem que não se confirmaria após a finalização da obra.

Incorporei às minhas inquietações um pensamento sobre os fluxos de trabalho informal, pensando no deslocamento de pessoas e funções de um lugar a outro. Pensava igualmente sobre sobreposições de atividades que frequentemente ocorrem nos locais públicos de Porto Alegre. No dia 14 de abril de 2008 propus uma ação que consistiu na colagem de um conjunto de três cartazes nas paredes do canteiro de obras. Feitos em serigrafia, tinham o fundo preto e cada qual levava uma das seguintes frases em letras amarelas: *O que foi sonhado? O que foi construído? O que resistiu ao tempo?* Essas questões, retiradas de minha exposição *Vendo o Entorno* — exibida na Fundação Ecarta em 2005 —, eram deslocadas para o contexto da construção do Camêlódromo, chamando a atenção do passante sobre aquelas linhas. Os cartazes se mantiveram colados nos tapumes, visíveis ao fluxo de transeuntes da Avenida Júlio de Castilhos e ao fluxo de pedestres da Avenida Voluntários da Pátria. As interrogações viveram ali até serem recobertas por outros cartazes, seguindo a lógica do que é veiculado na rua.

detalhe de A última vista | Endereçamento - 2017





L U I S

C O

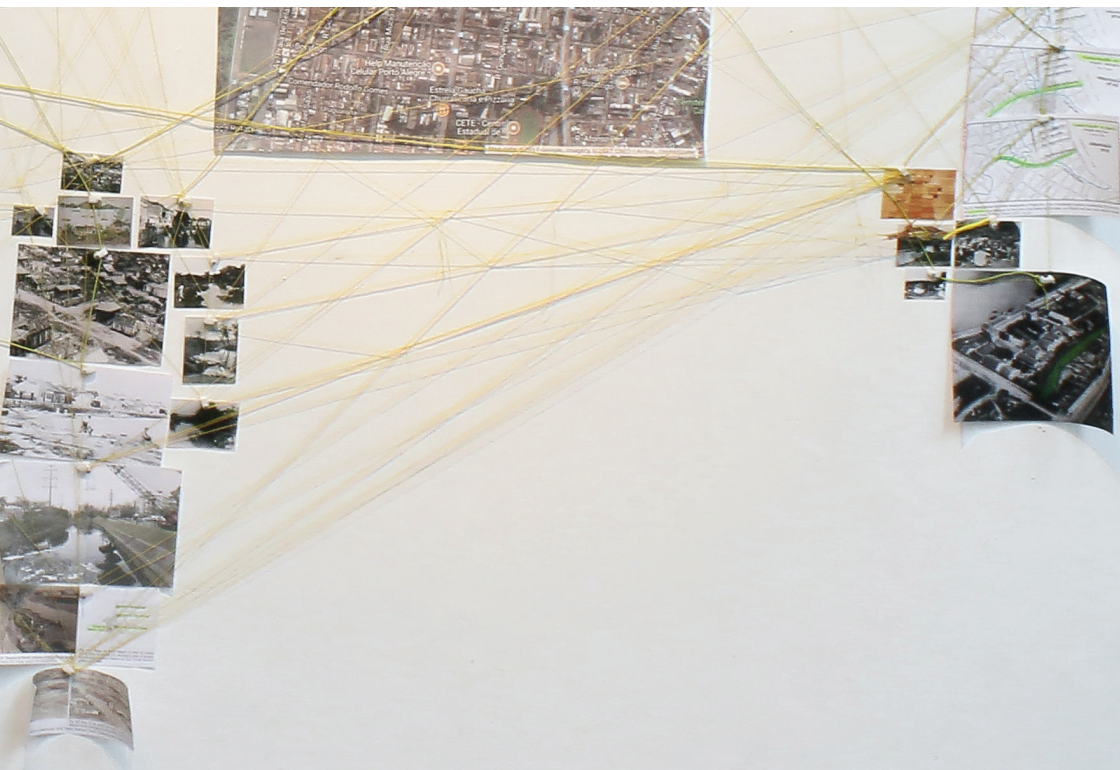


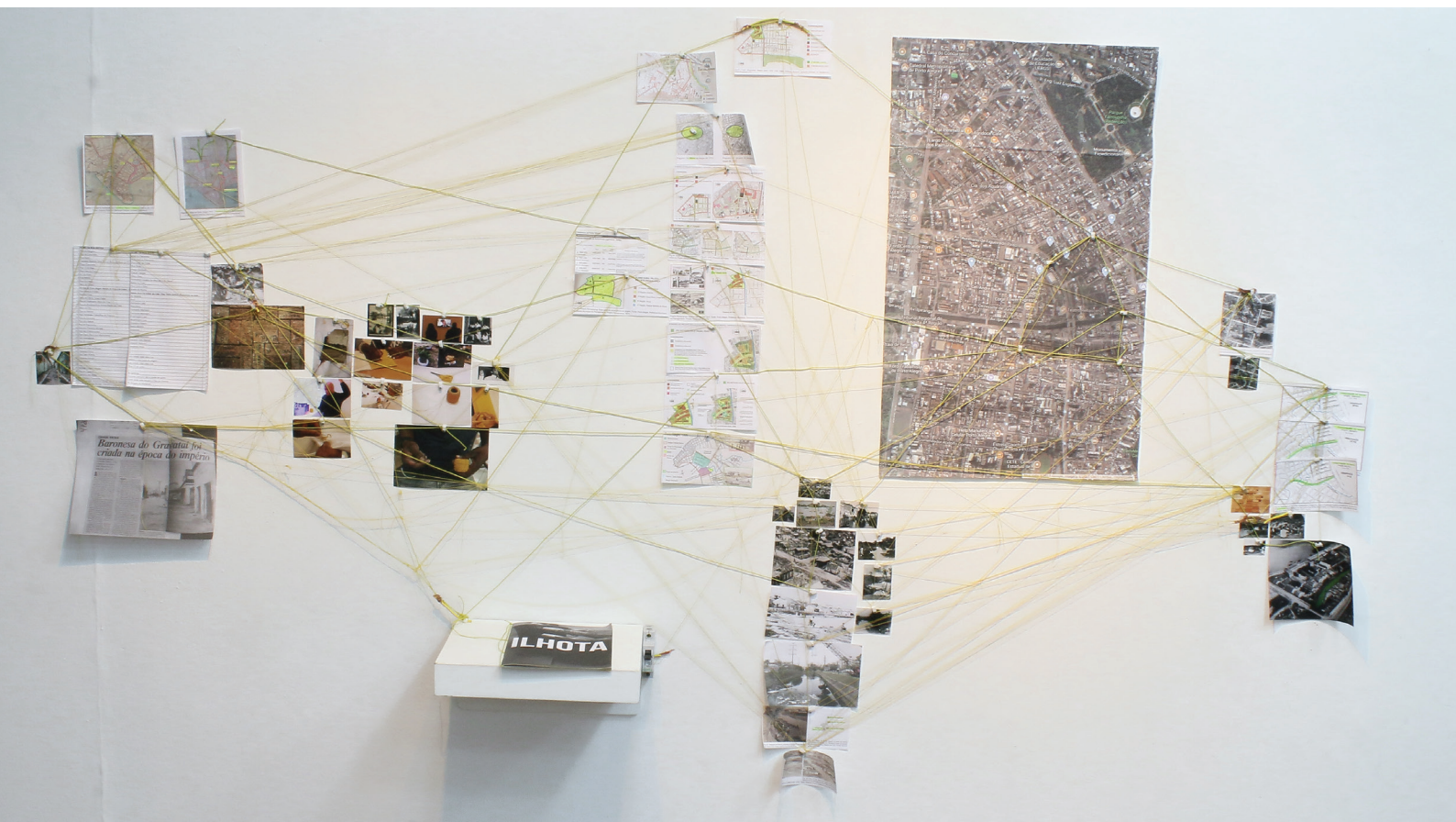
Ilhota

Marina de Moraes e Martino Piccinini

2017 | Vídeo | 9 min e 14 seg

Ilhota resulta de pesquisa realizada junto ao grupo de pesquisa Poéticas da Participação (CNPq). Captado ao longo de 10 dias com o intuito de contar uma parte da história desse local, território negro da cidade de Porto Alegre que desapareceu em meio a um processo de higienização e gentrificação.





Urbanizar

Claudia Zanatta

2017 | Montagem com revista, fotografias e mapas do Território Ilhota

Urbanizar parte de uma pesquisa referente ao Território Ilhota, iniciada em 2015 pelo grupo Poéticas da Participação (PPGAV). Traz imagens desta zona de Porto Alegre, de alguns de seus habitantes, paisagens e do plano urbanístico que ocasionou o processo de remoção e de desmembramento deste território nos anos 70.

EU QUERO É VER O DIA EM QUE O RIO
GUAÍBA VIER BUSCAR O LUGAR DELE.
PORQUE TUDO AQUILO ALI ERA ÁGUA.

Relatos

Marina de Moraes

2017 | Vídeo | 4 min e 6 seg

Relatos tem como principal elemento a palavra. Elabora depoimentos de três pessoas, moradoras e ex-moradoras do antigo Território Ilhota, coletadas em entrevistas realizadas por Marcelo X e transcritas por mim, publicadas no zine Ilhota. Relatos é uma tentativa de trazer a palavra como elemento visual mas busca também tornar visível a aparição desse sujeito silenciado pelas narrativas da cidade, pelas narrativas sociais, pelas narrativas coloniais.



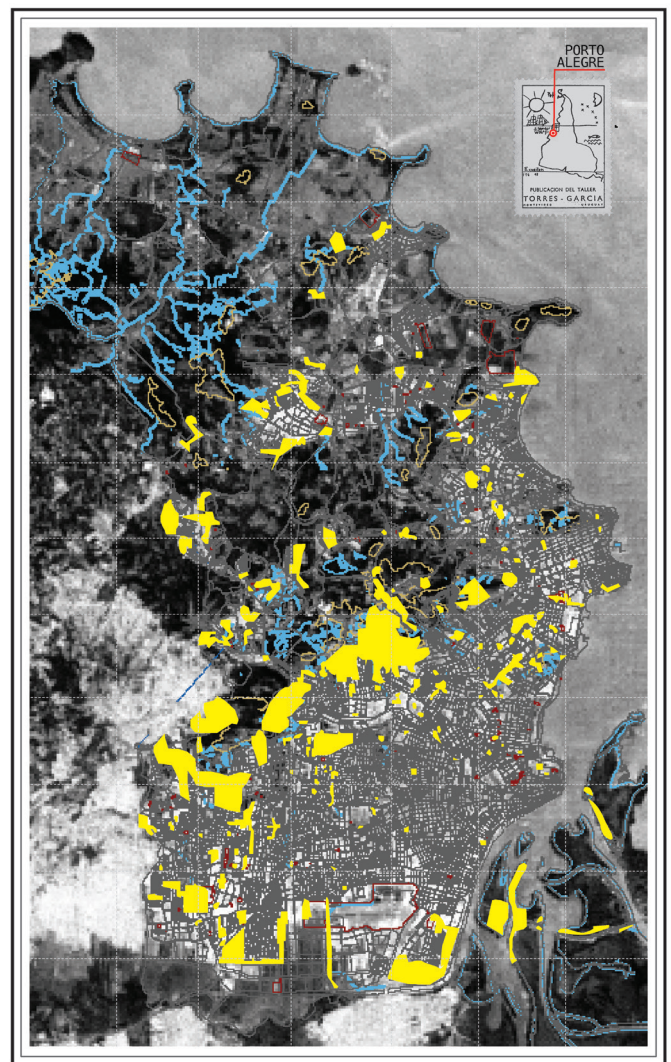
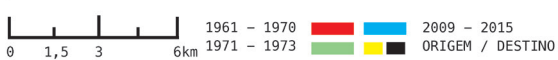
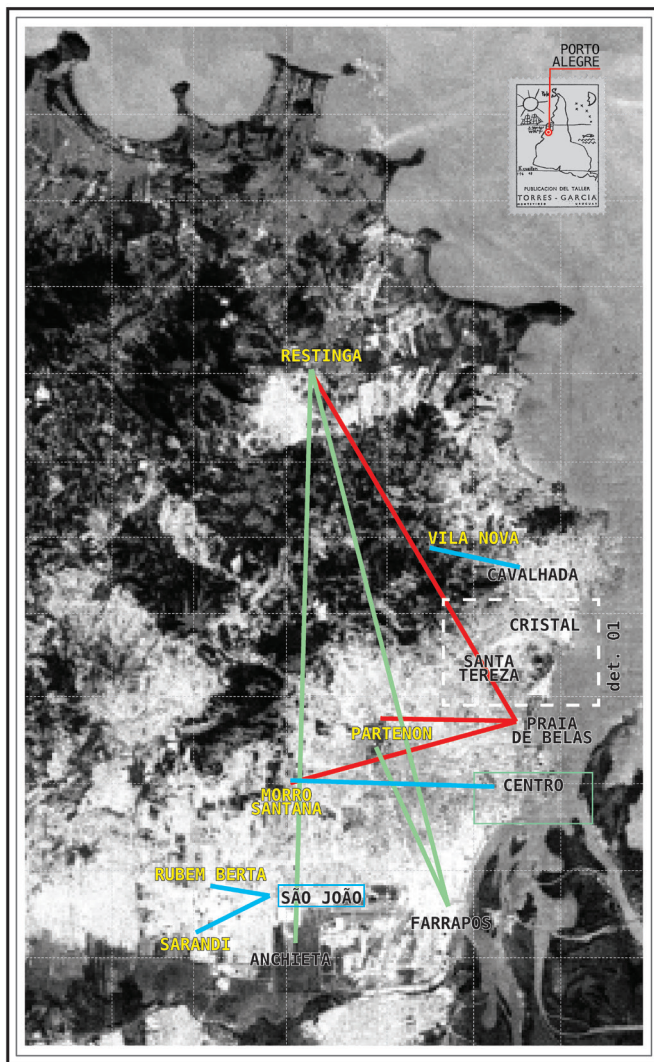


Cartografia do fracasso

Luísa Horta e Marcelo X

2018 | Colagem | 85 x 60 cm (cada)

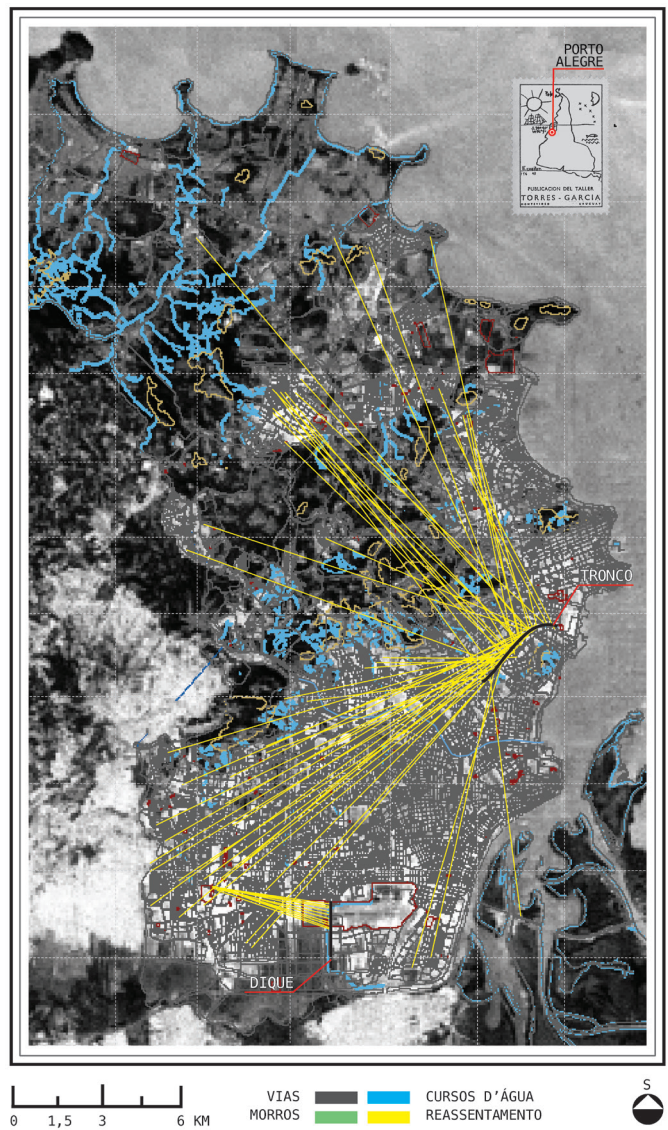
Da tácita promessa de futuro decorrente dos grandes eventos esportivos, restaram como fatos os escombros-testemunhos do fracasso social, enquanto as memórias do tempo vindouro esfacelaram-se na ciência de sua incompletude. Cartografia do fracasso reúne elementos constituintes deste fiasco revelando a arquitetura e a paisagem pela sua heterotopia palimpsesta. O espaço apresentado nas colagens combina formas de aparência do futuro, componentes memoriais de sua destruição, entulhos renitentes e a tenacidade presente na inconformidade deste processo.



Mapa 01 - Mapa de fluxo espaço-temporal de remoções em Porto Alegre (1960- 2015).

Mapa 02 - Ocupação irregular, de acordo com as metodologias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Departamento Municipal de Habitação, em Porto Alegre – 2008 e 2010.

Mapa 03 - Remoção urbana no período 2009-2015 - Tronco e Dique.



Série 7x1 – Cartografia gaúcha das remoções

Marcelo X

2016 | mapas em impressão digital | 85 x 60 cm (cada)

As cartografias ajudam a compreender a periferização de comunidades que sofreram (e ainda sofrem) insegurança de posse em Porto Alegre. Como tática de construir um material que fosse acessível para dialogar com as famílias dessas comunidades, organizei as informações em um formato gráfico de cartografias. O documentário (r)emoções é o registro deste desfecho.



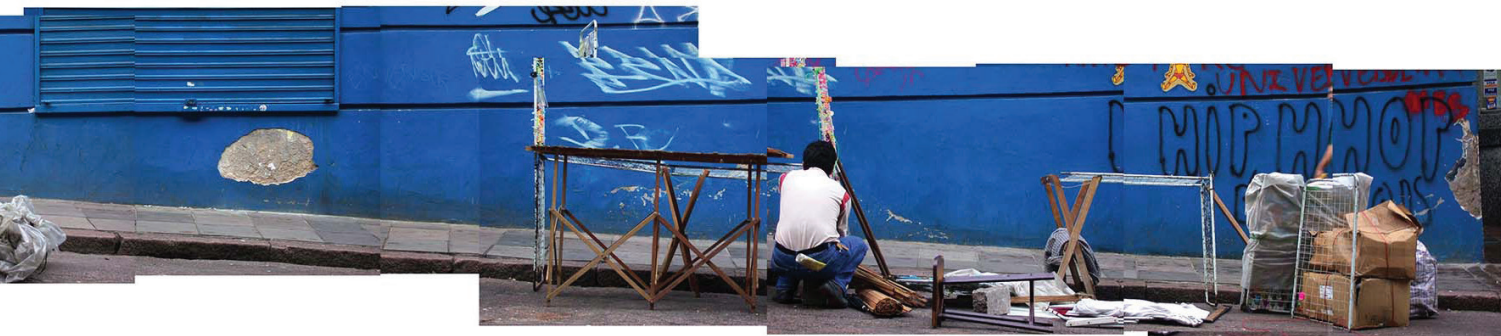


(r)emoções

Laryssa Machada e Marcelo X
2015 | documentário | 70' | cor

As remoções urbanas aparecem como uma das maiores contradições do processo de intervenção do espaço da cidade. A realização dos megaeventos Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016 impulsionou a maior remoção de vilas e favelas da história. O documentário olha para as remoções que ocorreram na cidade de Porto Alegre no sul do Brasil, nas relações entre ações de urbanização, projetos políticos e processos de intervenção no território que tornam possíveis as práticas de remoção. A resistência ao preconceito social e a discriminação de uma identidade que resiste a ser apagada, são tratadas como fundamentais para desconstruir a justificativa para realização dessas políticas remocionistas. Um processo de violação de direitos e de abertura de áreas da cidade como novas fronteiras de expansão do mercado imobiliário.





Dos Passos - 1A, 1B, 1C.
Daniela Cidade
2003 | Fotografia | 120x15 cm (cada)





Dos Passos - 2A, 2B, 2C, 2D.

Daniela Cidade

2018 | Fotografia | 120x15 cm (cada)

A série Dos Passos (2003-2018) compreende seis sequências fotográficas que apresentam o mesmo espaço em um intervalo de 15 anos. O período é marcado pela exclusão do corpo. Tiraram os camelôs e com eles, se foram as pessoas. O que antes, o que se pretendia chamar de arquitetura informal, onde o acaso, a apropriação e o imprevisto participavam do processo dinâmico da rua, depois se transformou em espaço vazio, sem a presença do corpo, sem vida, cheio de medo. Hoje, as pessoas passam com pressa. O corpo em um ponto fixo voltou à rua. Mas aquela calçada continua condenada ao vazio: vestígio da ação de um novo processo de higienização das ruas do centro de Porto Alegre no início dos anos 2000.

SOMOS

A lei e a segurança pública toleram pistoleiro protegendo fazendeiro, mas não toleram que outros reajam de forma alguma. É desarmamento prá nós e armamento prá eles. Essa é a regra.

É o como tu queres morar. Tu queres morar só pra ficar no teu casulo?

É uma luta diária no assentamento.

Isso nos fortalece no sentido de que a gente precisa não estar só.

FORMADOS

A questão do buscar. Uma construção de uma outra forma de viver.

Uma construção de uma outra forma de viver.

Como é ser despejado? Eu nunca fui despejado. É ficar perto de uma retro-escavadeira.

NO

Não temos que lutar com nossos vizinhos que não admitem as pessoas pobres morando no centro de Porto Alegre.

Então, minha palavra é luta.

A gente vai tocando, refletindo.

Não é a casa, só. Casalar. É muito mais do que a casa prá morar.

Tu perder teu habitat por qualquer argumentação que as pessoas usem, porque usam várias: propriedade, é meu, não tem direito, não trabalha, falam várias coisas.

Não temos uma cartilha.

PROCESSO

Eu sei de que lado tenho que estar. O nome não é invadir, o nome é ocupar. Porque o lugar estava vazio e a gente está ocupando um lugar ocioso.

Todo esse exercício nos últimos dez anos, desdobrar normativas, portarias, sentar com o ministério é fruto de uma construção coletiva não só de famílias daqui da ocupação 20 de Novembro, mas fruto de pessoas que tem no Estado, de pessoas que estavam na SPU, de pessoas que estavam na Caixa, de pessoas que estavam no governo.

MORO AQUI.

Casalar é também acasalar.

O 20 de Novembro tem a essência do que a gente conseguiu aprender nos últimos anos. Tem o acúmulo de acertos e erros que a gente fez com o Utopia e Luta.

O assentamento não vem do nada. Ele é uma construção, uma construção de uma proposta política. Os assentamentos não são feitos só de moradores, de pessoas. São feitos de todo o organismo que rodeia as ocupações.

U

É onde tem esse sentimento de existência, de pertencimento. Não é um sentimento que passa pela compreensão. É um sentimento visceral.

O passar por um processo de despejo muda tua vida prá sempre.

Sente quem tá dentro o risco de sair prá fora. E tu tá dentro e tem medo do que tá fora, mas tu também tens que conversar com o de fora. É uma força que se olha nos olhos, né.

UTA

O formato da estrutura que está colocada não nos serve. Ele é contra nós. Agora, como é que a gente lida com isso prá ir avançando?

Essa é a casa

no que estar. O
nome não é
adir, o nome é
par. Porque o
r estava vazio
a gente está
ocupando um
ugar ocioso.

normativas, portarias, sentar
com o ministério é fruto de
uma construção coletiva não
só de famílias daqui da
ocupação 20 de Novembro,
mas fruto de pessoas que tem
no Estado, de pessoas que
estavam na SPU, de pessoas
que estavam na Caixa, de
pessoas que estavam no
governo.

D
Moro
aqui.

A
Casalar é
também
acasalar.

É onde tem esse
sentimento de
existência, de
pertencimento. Não
é um sentimento que
passa pela
compreensão. É um

O
passar
por um
processo de
despejo
muda tua
vida prá

T
Sente quem tá
dentro o risco de
sair prá fora. E tu
tá dentro e tem
medo do que tá
fora, mas tu
também tens que
conversar com o
de fora. É uma

Nov
essên
gente
apr
último
o a
acerto
a gen
Utop

O f
estrut
coloc
serve
nós. A
que

Notas de Escuta

Claudia Zanatta

2017 | Cartaz em papel offset | 145 x 210 cm

Notas de Escuta origina-se a partir de Ocupações : laboratório de escuta participativa realizado em 2017, por Maria Ivone dos Santos, Lilian Amaral e Cláudia Zanatta junto ao Assentamento 20 de Novembro, em Porto Alegre. Notas de Escuta agrupa um extrato, uma pequena essência das falas (e dos silêncios) que preencheram o espaço no qual nos reunimos. Falam do que é viver em uma ocupação não de um dia, não de um mês, mas feita de uma situação que às vezes parece eterna, feita do cansaço, mas também da vitalidade de um corpo coletivo que trabalha no tempo e que constrói outros modos de habitar.





Zona de leitura

Maria Ivone dos Santos

2017 | Mesa com jornais e pesquisas | dimensões variáveis

Sobre uma mesa foi disponibilizado para consulta pública duas pilhas do jornal Correio do Povo, datados do 21 ao 28 de junho de 2014 e de 2018 respectivamente; Um exemplar do jornal Formas de Pensar a Escultura, Perdidos no espaço público, publicado em junho de 2016; cópias da reportagem publicada no Correio do Povo, datada do dia 16 de junho, Reintegração de posse da Ocupação Lanceiros Negros completa um ano; a pesquisa de mestrado de Marcelo Damasceno, Entre Ruínas e Resistências: (Re)Emoções em Porto Alegre de 2013 à 2015, defendida em 2018 no PROPAR-UFRGS. Essas leituras davam ao público a possibilidade de contextualização dos assuntos emergente trazidos pela exposição.

Zona de Escuta deslocamentos, ocupações, resistências e narrativas

Organização
Maria Ivone dos Santos

Artistas
Claudia Zanatta, Daniela Cidade, Laryssa Machada, Luisa Horta, Marcelo X, Marina de Moraes, Maria Ivone dos Santos e Expedição catástrofe: por uma arqueologia da ignorância, proposição de Alexandre Campos, Carolina Fonseca, Filipe Britto, Glayson Arcaño, Ícaro Lira, Laura Castro, Pablo Lobato, Pedro Britto, Renata Marquez e Yuri Firmeza

Expografia
Marcelo X e Maria Ivone dos Santos

Montagem
Gabriela Jacobsen, Juliana Rodrigues Justino, Marta Montagnana, Marina de Moraes e Maria Ivone dos Santos

Equipe Pinacoteca Barão de Santo Ângelo
Coordeação Helena Kanaan, Produção Executiva Patrícia Bohrer, Bolsistas: Bruno Tamboreno e Débora Bregalda

Projeto gráfico
Marcelo X

Foto da capa e contracapa
Marcelo X e Sara Lana

Fotos da exposição
Bruno Tamboreno

A exposição-dispositivo *Zona de Escuta - deslocamentos, ocupações, resistências e narrativas* aconteceu entre os dias 21 de junho a 21 de julho de 2018 na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo em Porto Alegre - Brasil.



